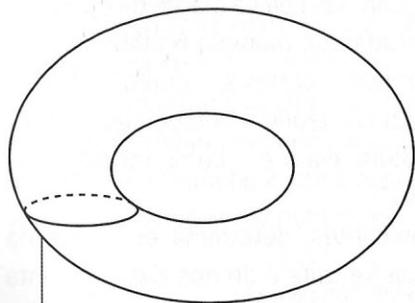


A experiência analítica, 'experiência do desejo', que só se dá sob transferência, leva um sujeito a endereçar uma questão a um Outro enquanto lugar, e, na repetição das experiências vividas e laços feitos, um sujeito se constituirá, forjar-se-á uma superfície, onde cortes são operados. Nesse ponto, recorre-se à afirmação de Lacan de que a superfície não vai por si só. "a estrutura não é um toro simples, ela é um toro com uma marca. [...] a marca não vem do céu, ela vem do Outro."<sup>7</sup>

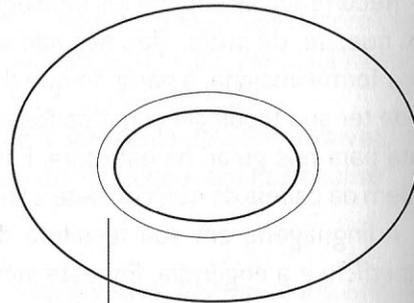
Retornando ao seminário *A identificação*, Lacan diz: "Há uma estrutura topológica e se tratará de demonstrar em que ela é, necessariamente, a do sujeito, estrutura que comporta que haja alguns daqueles laços que não podem ser reduzidos. Esse é todo o interesse do meu toro."<sup>8</sup>

## TORO

Estruturalmente, o toro é uma superfície sem margem, contínua e orientável. Sua bilateralidade nos impõe uma barreira: não há como passar do interior ao exterior sem que isso cause uma ruptura. Trata-se, pois, de uma topologia esférica, mas que se diferencia da esfera por comportar, em sua estrutura, um buraco central. Essa superfície organiza-se em dois vazios: um interior, também chamado de 'alma do toro' e um central, que lhe é exterior. Esses dois vazios são os que não podem ser reduzidos. São fundamentais na operação subjetiva.

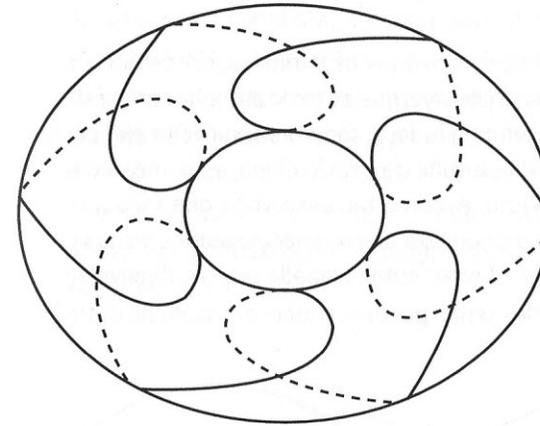


Linha cheia - Demanda



Linha vazia - Desejo

Essa superfície permite o traçado de linhas, e duas delas vão receber as seguintes denominações: a linha meridiana ou linha cheia, círculo da Demanda e a linha longitudinal ou linha vazia, círculo do Desejo.



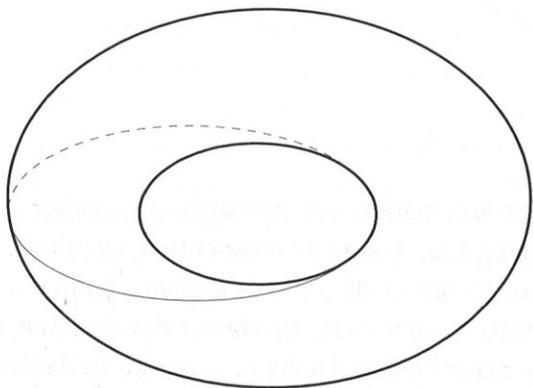
Circuito da Demanda

Os significantes fazem o circuito da demanda, que, por não se complementar, nem haver possibilidade de ser atendida, desliza infinitamente, engendrando uma espiral. Nesse percurso, o sujeito não se dá conta de que uma outra volta se escreve. Esta volta a mais, notada como menos, aquela que não se conta, é o quê da demanda se desprende como desejo: a volta ou o círculo do desejo. A esse tempo, na superfície tórica, Lacan denomina o circuito da demanda conjugado ao circuito do desejo como o deslizamento da cadeia, deslizamento do objeto metonímico do desejo enquanto falta. A cada volta da demanda, há um encontro com o nada, chamado por Lacan de 'nada fundamental', do qual o sujeito nada sabe. O sujeito, achatado nessa superfície, representado pelos significantes, tenta apreender, imaginariamente, algo do que foi perdido por meio dos objetos metonímicos. Temos aqui, portanto, nessa estrutura, a conjugação dos três registros: Simbólico, Real, Imaginário. O deslizamento do significante

conta com os pontos de resistência do Real, os laços irredutíveis, e, também, com o significante falo, elidido de toda representação.

Há um terceiro círculo no toro, proposto no seminário *A identificação*, que conjuga, em um traçado, a demanda e o desejo. Traçado, aqui, lê-se como o corte na superfície, o qual deve ser sempre pensado como uma linha fechada.

[...] é justamente o círculo que nos interessa, concernente a esse tipo de propriedade possível que eu tento articular como estrutural do sujeito; que ainda que faça somente uma volta ele, contudo, faz aí duas, a saber a volta do círculo cheio, e, ao mesmo tempo, de um círculo vazio, e, como tal, essa volta que falta à conta é justamente o que o sujeito inclui nas necessidades de sua própria superfície de ser infinitamente aplanada que a subjetividade não poderia apreender senão por um circuito: o circuito do Outro.<sup>9</sup>

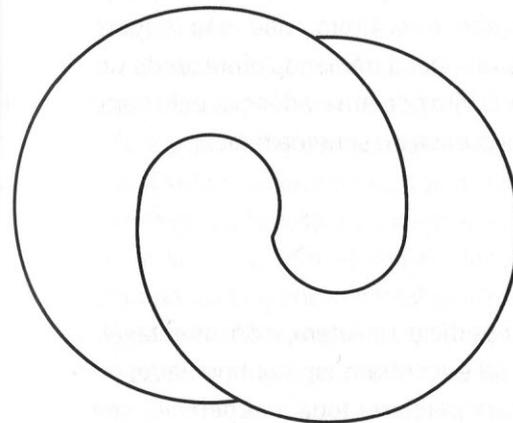


Círculo estrutural do sujeito

Para que se percorra dessa forma estes circuitos, há uma anterioridade lógica fundamentada neste "círculo estrutural do sujeito", escrito na conjugação demanda/desejo. Esse circuito é, portanto, ímpar.

Ele apreende do Outro, então, nada mais que a falta nessa exterioridade central. A falta no Outro o faz estruturar-se e desejar. "O objeto do desejo é o efeito da impossibilidade do Outro de responder à demanda."<sup>10</sup> Há, aqui, uma indicação clínica: não se responde à demanda em nome de uma técnica, Há a impossibilidade de que isso se realize na própria estrutura. O acolher à demanda remete à escuta do analista, uma escuta regida por um desejo que não é puro: "o desejo do analista é aquele de estabelecer a diferença absoluta..."<sup>11</sup> É a lógica da falta e do significante, sem promessas e reciprocidade, ainda que em presença de um corpo. Está posto o impossível da intersubjetividade.

No centro exterior, no buraco central, localiza-se a Privação - Real - ou, como dissemos anteriormente, o 'nada fundamental'. Nas voltas da demanda não atendida, a Frustração - Imaginário - apreendida pelo deslizamento dos significantes - Simbólico.



Lacan nos traz, ainda, no seminário *A identificação*, a questão crucial de como o sujeito tenta enodar-se ao Outro. Denomina de 'abraço tórico' esse engodo neurótico. É por ter um centro exterior, um buraco central, que a estrutura do neurótico, o toro, permite um enlaçamento com um outro toro, ou, como seria dito por Lacan, um abraço com o Outro, também tórico. "Nesta nodulação, o desejo de um é isomorfo à demanda no outro, e o vazio central somente serve

à amarração dos dois toros.”<sup>12</sup> Se essa nodulação é estruturante para o sujeito beber na fonte do Outro, ela se mostra impossível, pois a conjunção que se faz é de dois vazios. Não há reciprocidade, e o que se colhe é o próprio vazio. Forja-se a pega dos significantes que vêm do Outro enquanto lugar. Nesse tempo, sob transferência, o sujeito se depara com sua dissimetria: “...a dissimetria aparece na relação da demanda e do objeto do sujeito em relação à demanda e ao objeto no Outro.”<sup>13</sup>

A partir do corte que conjuga a demanda e o desejo e do ‘enodamento neurótico’, Lacan propõe o corte de dupla volta no toro, um corte de ‘oito interior’ na superfície bilátera e orientável do qual resultará uma banda cilíndrica de quatro semitorções, estofa duplo de uma banda de *Moebius*. No vazio deste ‘oito interior’, no vazio do estofa duplo, dobrado sobre si mesmo,ei-la, a banda de *Moebius* como corte, ou seja, o sujeito como corte (ver: ‘Da esfericidade à asfericidade’). Esta dupla volta nos dois toros mostrará a impossibilidade da especularidade, uma vez que esses toros, o sujeito e o Outro, não são superponíveis, demonstrando que não se sustenta atender a demanda oferecendo um objeto, pois este está para sempre perdido. O toro põe em evidência, pelo corte de ‘oito interior’, o efeito de torção que suporta essa dissimetria radical.